

**Jean-Pierre Sarrazac**

**A INVENÇÃO DA TEATRALIDADE**

**Seguido de**

**BRECHT EM PROCESSO**

**e**

**O JOGO DOS POSSÍVEIS**

**DERIVA**

TÍTULO  
A INVENÇÃO DA TEATRALIDADE  
Seguido de BRECHT EM PROCESSO e O JOGO DOS POSSÍVEIS

TÍTULO ORIGINAL

AUTOR  
Jean-Pierre Sarrazac

APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO  
Alexandra Moreira da Silva

ISBN  
978-972-9250-xxxx  
REFERÊNCIA  
15040103  
FORMATO  
21x14,5cm  
1ª EDIÇÃO  
Outubro 2009  
DEPÓSITO LEGAL  
xxxxxxxxxxx  
IMPRESSÃO  
Tipografia Guerra  
Viseu  
DERIVA EDITORES  
Rua de Santo Ildefonso, 85, 5º, sala 2  
4000-468 PORTO  
TELEFONE E FAX  
351 225 365 145

E-MAIL  
deriva@derivaeditores.pt  
www.derivaeditores.pt  
www.derivadaspalavras.blogspot.com

Reservados todos os direitos. Esta edição não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo electrónico, gravação ou outros, sem prévia autorização da Editora.

Publicação apoiada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa e pela Fundação para a Ciência e Tecnologia

© Deriva Editores, 2009

## **COLECÇÃO PULSAR**

A colecção Pulsar, dirigida pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, inclui textos relevantes em torno da literatura e de outras artes. Estes pequenos livros, que se podem ler numa viagem de comboio ou a uma mesa de café, pretendem emitir um sinal luminoso, sentidos de um pensamento, fulgurações de palavras. Como os enigmáticos e distantes pulsares.



**Jean-Pierre Sarrazac**

**A INVENÇÃO DA TEATRALIDADE**

**Seguido de**

**BRECHT EM PROCESSO**

**e**

**O JOGO DOS POSSÍVEIS**

Apresentação e tradução de  
**Alexandra Moreira da Silva**



# CRÍTICA DO TEATRO

[C]ette critique particulière pourrait aussi bien être appelée, au sens deleuzien, une «clinique».

*Jean-Pierre Sarrazac*

Nem «história», nem «sociologia», nem «estética». Trata-se de uma crítica. No prefácio ao volume intitulado *Critique du théâtre, de l'utopie au désenchantement*<sup>1</sup>, de onde foram extraídos os ensaios agora publicados, o autor, Jean-Pierre Sarrazac<sup>2</sup>, faz questão de elucidar o leitor relativamente ao carácter singular de uma obra que, não pretendendo ser uma crítica *de* teatro, se assume como uma crítica *do* teatro – «do objecto teatro». Nas palavras do autor, esta *crítica* pressupõe uma posição particular, específica, do crítico que, na sequência de Roland Barthes, de Bernard Dort ou mesmo de Louis Althusser – nomeadamente a partir desse momento inaugural dos palcos parisienses que foi a apresentação do Berliner Ensemble, em 1954 – propõe uma análise do objecto a partir do *interior* do próprio

1 Jean-Pierre Sarrazac, *Critique du théâtre, de l'utopie au désenchantement*, Belfort, Circé, 2000.

2 Ensaísta, autor dramático, encenador, professor no Instituto de Estudos Teatrais da Universidade de Paris III – Sorbonne Nouvelle, Jean Pierre Sarrazac tem desenvolvido, ao longo dos últimos trinta anos, uma vasta reflexão sobre as dramaturgias modernas e contemporâneas que está na origem de uma importante e diversificada obra ensaística, reconhecida recentemente com Prémio Thalia 2008, atribuído pela Associação Internacional de Críticos de Teatro. Em português, está publicado o ensaio *O Futuro do drama* (trad. de Alexandra Moreira da Silva, Porto, Campo das Letras /Dramat, 2000).

objecto, ou seja, que se dedica a interrogar, a confrontar e a reconstituir o carácter auto-reflexivo e auto-crítico da arte teatral, percorrendo e questionando, como sugeria Deleuze, «os caminhos e trajetórias interiores que a compõem»<sup>3</sup>.

Nesta perspectiva, e depois de duas obras fundamentais<sup>4</sup> dedicadas à análise das dramaturgias do «íntimo», onde Jean-Pierre Sarrazac põe em evidência o intenso combate entre o «eu» e o «mundo» que a relação entre o íntimo e o político pressupõe (de August Strindberg a Marguerite Duras, passando por Thomas Bernard ou Bernard-Marie Koltès), o autor regressa a Brecht e à sua indiscutível influência no teatro europeu dos anos sessenta, com o claro objectivo de propor uma rearticulação das dimensões estética e política do teatro. Sem cair naquilo que poderia ser interpretado como uma «tentação nostálgica geracional», o autor questiona as mais variadas formas de resistência e de transformação de «um teatro crítico». Confrontando o «desencanto actual» do panorama teatral com o carácter utópico do conceito de «teatro público» que emergiu no Pós-guerra, Jean-Pierre Sarrazac não só circunscreve a ideia de um «teatro crítico», como também procura responder a algumas questões prementes no actual contexto teatral: de onde vem, para onde vai a ideia de um «teatro crítico»? A prática de um teatro crítico poderá, hoje, conservar o seu valor transitivo de transformação? Ou, pelo

<sup>3</sup> Gilles Deleuze, *Critique et Clinique*, Paris, Minuit, 1993.

<sup>4</sup> Jean-Pierre Sarrazac, *Théâtres intimes*, Arles, Actes Sud, 1989; *Théâtres du moi, théâtres du monde*, Rouen, Éditions Médiannes, 1995.

contrário, estaremos na presença de uma ideia obsoleta, sem expressão no teatro que podemos ver, actualmente, nos palcos europeus?

Na verdade, estas questões são recorrentes na obra ensaística e dramática de Jean-Pierre Sarrazac. Veja-se, por exemplo, o destaque que, desde o incontornável *O Futuro do drama*<sup>5</sup> até ao mais recente *La parabole ou l'enfance du théâtre*<sup>6</sup>, é dado à relação entre «realismo» e «teatralidade». Ou ainda a forma como somos constantemente alertados para o facto de, numa época mais receptiva a estéticas *formalistas* e a poéticas visuais que investem na tão *pós-moderna* contaminação das linguagens artísticas, e em que a banalização das imagens e do discurso político pelos mais variados *media* invade o nosso quotidiano, o recurso a temas sociais e políticos exigir, mais do que nunca, um tratamento indirecto e *desviado*<sup>7</sup>. Por outro lado, se o reinvestimento no texto dramático, a que se assistiu um pouco por toda a Europa na década de oitenta, revelou evidentes preocupações de ordem estética e dramatúrgica que muito contribuíram para a contínua «reinvenção do drama» – questão a que Jean-Pierre Sarrazac tem dedicado uma parte importante da sua reflexão – a preferência por temáticas tendencialmente «egocêntricas» (o casal, a família...) terá, de alguma forma, contribuído para acentuar o clima

<sup>5</sup> Ver nota número 2.

<sup>6</sup> Jean-Pierre Sarrazac, *La parabole ou l'enfance du théâtre*, Belfort, Circé, 2002.

<sup>7</sup> Ver nomeadamente o capítulo «Le détour» *in op.cit.*

de suspeição que rapidamente se instalou no meio teatral relativamente a Brecht e à ideia de «um teatro crítico».

No contexto político e económico actual, as questões colocadas por Jean-Pierre Sarrazac e eloquentemente revistadas nestes três ensaios, parecem-nos de uma grande actualidade. A ausência de soluções para as guerras e conflitos recentes, o agravamento da precariedade, das injustiças sociais que abalaram, de forma inesperada, a estabilidade das mais diversas sociedades contemporâneas, abrem espaço ao regresso de uma palavra política que, não sendo ideológica, reafirma a necessidade de testemunhar, de dar a conhecer nas suas múltiplas variações o mundo que nos rodeia. Lúcidos quanto aos limites do poder de intervenção do seu gesto artístico, mas investindo e acreditando em novas formas de percepção e de utilização dos signos, os artistas contemporâneos afirmam-se, cada vez mais, como os novos autores desse teatro que, nas palavras de Roland Barthes, tem por vocação assegurar um «comentário» do mundo.

Antecipando o regresso de um teatro crítico, os ensaios incluídos neste volume propõe-nos um percurso através de várias personalidades (Bernard Dort, Roland Barthes...), de peças e de autores de teatro (August Strindberg, Luigi Pirandello, Arthur Adamov, Bertolt Brecht...), de espectáculos e de encenadores (Jean Vilar, Giorgio Strehler, Antoine Vitez, Patrice Chéreau...) de ensaios (*Brecht & Cie*, de John Fuegi...), de revistas (*Théâtre populaire*), que nos permite

reflectir sobre a função e os poderes do teatro, sobre a sua dimensão cívica – sobre a sua «necessidade»... Da ironia pirandelliana, passando pela arte crítica brechtiana, até alguns dos mais recentes contributos críticos de autores e de encenadores contemporâneos (de Samuel Beckett a Edward Bond), Jean-Pierre Sarrazac questiona conceitos fundamentais como «teatralidade», «comentário», «representação emancipada» ou «teatro épico», traçando as directrizes de um teatro que, ao suscitar um espectador activo, permite renovar a relação entre a *percepção e a experiência vivida*.

No entanto, e como sublinha o autor de *Critique du théâtre*, «para que o teatro reencontre o seu lugar na sociedade, não basta decretar o seu “dever”. Nem colocar, politicamente, a questão certa. Nem mesmo querer relegitimar [...] o espectador autêntico»<sup>8</sup>. Importante será resituar uma nova ideia de teatro numa *poética plural* onde novas formas dramáticas e de representação estimulem o envolvimento recíproco de artistas e de espectadores num *teatro* cada vez mais *necessário*<sup>9</sup>, num teatro que se reinventa no permanente *jogo dos possíveis*.

Alexandra Moreira da Silva

8 Jean-Pierre Sarrazac, *Critique du théâtre, de l'utopie au désenchantement*, Belfort, Circé, 2000, p. 25.

9 Denis Guénoun, *Le théâtre est-il nécessaire?*, Belfort, Circé, 1997, p.148.